

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS: DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÕES

Learning Difficulties In Mathematics In Early Series: Diagnosis And Intervention

Ilva Fátima Neves Eberhardt¹

Carina V. Schneider Coutinho²

RESUMO

O ensino da Matemática é visto por pais alunos e professores como uma dificuldade a ser enfrentada nas escolas. Isto se deve principalmente a desvinculação da Matemática da sala de aula com a Matemática utilizada no dia a dia. Este estudo aponta as principais dificuldades de aprendizagem em Matemática identificadas nos anos iniciais de escolarização, mais especificamente as que ocorrem no terceiro ano do ensino fundamental. Apresenta uma abordagem informativa sobre a construção do conhecimento lógico-matemático, através da teoria psicogenética e procura comparar ocorrências de aprendizagem na realidade escolar, através de pesquisa de campo. A pesquisa foi feita em uma escola da rede municipal de Caxias do Sul, através de entrevistas com pais, alunos e uma professora, através de material escrito e questionamento oral. As entrevistas foram analisadas e seus resultados apresentados a fim de sugerir alternativas para melhorias do processo de ensino-aprendizagem. Entre os principais resultados, cabe destacar a utilização de materiais concretos, como o Material Dourado, um importante recurso elucidativo do sistema de numeração decimal. Também sugere a participação ativa dos pais junto à escola como forma de atividade conjunta entre família e escola, bem como o respeito aos estágios cognitivos em que a criança se encontra. O papel do professor é fundamental, na medida em que parte dele o incentivo e o estímulo ao interesse e aprendizagem da criança.

Palavras-chave: Matemática. Aprendizagem. Psicogênese.

ABSTRACT

The teaching of mathematics is seen by parents students and teachers as a difficulty to be faced in schools. This is mainly due to the untying of mathematics classroom with the mathematics used in everyday life. This study outlines the main difficulties in learning mathematics identified in the initial years of schooling, specifically those occurring in the third year of elementary school. Presents an informative approach on the construction of logico-mathematical knowledge through the theory and seeks to compare occurrences psychogenetic learning in the school reality through field research. The survey was conducted in a municipal school in Caxias do Sul, through interviews with parents, students and a teacher, through written material and oral questioning. The interviews were analyzed and presented their results to suggest alternatives for improvement of the teaching-learning process. Among the main results, we highlight the use of concrete materials, such as Material Gold, an important feature of the plain decimal number system. It also suggests the

¹ Graduada em Ciências e Pedagogia pela UCS. Especialista Educação Especial e Educação Inclusiva pela FACINTER.

² Graduada em Física pela UFSM. Especialista em Gestão de Instituições de Ensino pela FACINTER. Professora de Graduação da FTSG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da UCS.

active participation of parents by the school as a joint activity between family and school as well as respect for cognitive stages in which the child is. The teacher's role is fundamental, in that part of the incentive and encouragement to the child's interest and learning.

Key words: Mathematics. Learning. Psychogenesis.

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que as séries iniciais, além da importância imediata para a vida do educando, formam uma base para as demais séries, principalmente quanto aos conceitos e relações em Matemática e por identificar ênfase às questões de alfabetização por parte dos educadores, os quais se sentem cobrados para que seus alunos estejam lendo e muitas vezes inconscientemente deixando em segundo plano as questões matemáticas.

Considerando a importância das habilidades matemáticas a serem trabalhadas nos primeiros anos do ensino fundamental, como trabalho de conclusão do Curso de Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva, a proposta deste estudo busca identificar quais as principais dificuldades que os alunos podem apresentar na área de Matemática que interferem de maneira substancial na aprendizagem, destacando-se o terceiro ano, por supor ser este o que mais exige o desenvolvimento de tais habilidades.

Este artigo faz um estudo de algumas dificuldades apresentadas por estudantes do terceiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Alberto Pasqualini, localizada na Vila Mary, em Caxias do Sul. Serão apresentados resultados de entrevistas aos alunos, pais e educadora.

A escolha do terceiro ano justifica-se por ser um período em que mais se exige em termos de cálculos e novas habilidades matemáticas, tais como: adição com reserva, subtração com empréstimo, multiplicação e divisão, de acordo com o currículo da rede municipal.

Na primeira parte, será apresentada a importância dos conhecimentos matemáticos e as dificuldades que se fazem presentes. A seguir, pretende-se abordar a construção do conhecimento lógico-matemático, relacionando-o com a teoria psicogenética de Jean Piaget, complementando o estudo com as contribuições de Constance Kamii e Ana Cristina Souza Rangel, propondo reflexões em relação ao trabalho em sala de aula.

Por fim, haverá a sugestão de algumas alternativas relacionadas à prática pedagógica a partir do relato da pesquisa do meio, mostrando-se o resultado conjunto das entrevistas sobre o assunto e a comparação com a literatura estudada.

Com relação ao estudo proposto, várias e importantes questões podem ser elencadas inicialmente para que se possa fazer uma reflexão substancial: Quais dificuldades os alunos podem apresentar? Como identificar as dificuldades e envolver o aluno na aprendizagem? Como o educando internaliza as noções e opera matematicamente? Que alternativas poderiam ser sugeridas para o trabalho nesta série? Como incluir todos os alunos no processo de ensino aprendizagem?

A partir desse estudo, pretende-se basicamente: buscar um maior aprofundamento do assunto, tratando-o com relevância; suscitar reflexões aos professores que trabalham no terceiro ano para que haja constatação das dificuldades e reflexão sobre as mesmas; sugerir e promover uma discussão quanto ao currículo nesta série, mais especificamente quanto à quantidade e importância das noções e conceitos que se relacionam à aprendizagem em Matemática.

Defende-se aqui nesse estudo que vários motivos podem influenciar nas dificuldades do ensino de Matemática no terceiro ano: uma delas é a de que o conteúdo é demasiado; o tema conhecimento lógico-matemático e conceitos envolvidos são colocados em segundo plano em detrimento da alfabetização; o estágio de desenvolvimento cognitivo que a criança encontra-se não

é compatível com todas as questões que o professor quer trabalhar; cada aluno elabora e desenvolve maneiras diferentes de operar matematicamente; desconhecimento ou impossibilidade da família em ajudar o educando em tarefas extraclasse; desenvolvimento de um saber escolar desvinculado da realidade da criança além do predomínio de atividades mecânicas e não lúdicas. Alunos que são aprovados, mas não possuem as habilidades prévias que o professor espera. Também é importante dar importância à nova inclusão de todos os alunos na escola e os seus desafios e conquistas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ensino de Matemática

A respeito da história da educação, se percebe que até o século XVI, a criança européia era considerada um pequeno adulto e deveria receber os ensinamentos ficando quieta e obedecendo seus mestres pacificamente. Sabe-se, através de relatos, que castigos físicos eram mais comuns do que se imaginava até bem pouco tempo atrás. A educação muito rígida foi trazida como herança para a América pelos nossos colonizadores. Assim, muitas vezes, os alunos que não tinham o resultado esperado eram encaminhados para o trabalho doméstico ou nos serviços do campo, pois se considerava que não eram propícios aos estudos.

Por outro lado, reverenciava-se o poder de calcular dos grandes matemáticos e de suas habilidades com a geometria. A Matemática sempre esteve a serviço do progresso das civilizações e com ela surge o julgamento do saber ou do não saber e do acesso a escola por parte de poucos.

Hoje há esforços de vários seguimentos da sociedade brasileira para manter todos os alunos na escola no ensino fundamental, seja através de programas sociais ou por força de lei. A escola está mais humanizada, os crescentes níveis de aprovação são anunciados pela mídia. Mas, como garantir uma educação de qualidade e convivência pacífica entre educadores, pais e alunos, que por vezes se perguntam qual o sentido do que se está sendo ensinado e aprendido?

2.2 Dificuldades em Matemática

A aprendizagem e o ensino da Matemática são primordiais nas séries iniciais do ensino fundamental, mas recheados de entraves pelo caminho. Esse é um dos motivos que justifica reflexões a respeito, propostas por vários autores. Ana Cristina Rangel em sua obra Educação Matemática e a Construção do Número pela Criança coloca a importância de os educadores voltarem-se para esse tema.

A aprendizagem em Matemática envolve desde as experiências vividas pela criança até a formação do currículo proposto pela escola, mas está centrada basicamente no desenvolvimento cognitivo da criança aliada às situações de aprendizagem. Desta forma, uma primeira alternativa seria conhecer o aluno, saber a respeito de sua vida, suas experiências, sua história, sua família, além de identificar os conhecimentos que já possui.

Ao entrar na escola a criança já possui conhecimentos prévios e hoje com a tecnologia acessível, desde celulares a caixas eletrônicas, as crianças já são autônomas. Como se colocar próximo ao aluno? Conhecendo seus limites e o que ele pode alcançar com ajuda ou não. Se o estágio cognitivo em que a criança se encontra não for respeitado ela não terá condições de responder aos objetivos que o professor deseja atingir. Então, aparecem dificuldades na construção do conhecimento lógico-matemático e o professor constata: esta criança não aprende, não divide ou não multiplica, não compreende o que o problema está pedindo. A dificuldade de entender os conteúdos é determinada em função da estrutura e da disciplina que é lógica, formal e dedutiva, incompatível com o pensamento da maioria das crianças neste nível.

Segundo Rangel (1992, p.17):

O ensino de matemática nas séries iniciais não leva em conta suas experiências diárias, nas quais estabelece relações de semelhanças e diferenças entre objetos e fatos, classificando-os, ordenando-os e quantificando-os. Assim, o ensino torna-se distante da realidade, a criança é induzida a aceitar uma situação artificial, sem significado para ela.

Em muitas realidades escolares, representadas através de televisão e dos jornais, percebem-se salas de aulas superlotadas, que dificultam o trabalho do professor e, procedimentos de ensino que estão externos ao aluno, os quais ele não compreende. Essa falta de acesso, na escola, a materiais concretos, faz com que a criança não entenda os processos, acarretando em dificuldades, como, por exemplo, em segmentos específicos da Matemática: comprimento, largura, altura, área, e volume.

Há crianças que sabem ver a hora no celular e em relógios digitais, mas tem dificuldade em reconhecer as horas no relógio de ponteiros, porque não entendem que a hora é dividida em partes como um ciclo contínuo, apenas sabem decodificar os números. Faltam experiências com os relógios de ponteiros para que a criança adquira o significado numérico das horas. Outros problemas aparecem por devidos fatores como distância do assunto da realidade, não uso do material correto, não entendimento das diferentes formas de cada criança resolver um problema, dificuldades de alfabetização que impedem a decodificação do texto do problema, estágio cognitivo em que a criança se encontra. Há crianças que, somente conseguem resolver problemas conforme o tipo, o modelo que foi ensinado. Mudando-se a estruturação ou oferecendo-se outra situação, a criança não resolve.

Salienta-se ainda, outro determinante, o fator sócio-econômico. Todas as crianças, de qualquer classe social são capazes de aprender, mas aquelas que se encontram em situação menos favorecidas, podem apresentar difíceis e, ao mesmo tempo, ricas experiências de vida com números, devido a dura realidade em que vivem, lhes sendo exigidas tarefas próprias de adultos. Conforme Rangel (1992, p.91):

São crianças que interagem com adultos que não tem o hábito da leitura e escrita por serem semi-analfabetos, restringido o acesso a materiais gráficos; e em muitos municípios os professores que trabalham com essa clientela são menos valorizados socialmente e até em condições salariais inferiores.

Por outro lado, crianças de uma situação sócio-econômica privilegiada também podem apresentar déficit de experiências concretas. Muitas vivem com excesso de cuidados, presas, sem possibilidades de interagir com a natureza. Conhecem realidades representadas pela televisão mas, não vivenciam outras brincadeiras que não seja o computador.

Privilegia-se no ensino e aprendizagem em Matemática o uso cultural ao algoritmo: o cálculo mental é deixado de lado, o aluno é habituado a escrever a conta e sempre armar o cálculo. É preciso provar o que se pensou, ou melhor, escrever o cálculo para ir pensando. Cria-se uma dependência do cálculo escrito.

Kamii (1999, p.55) relaciona alguns fatores que justificam efeitos nocivos pelo uso do algoritmo: “Os algoritmos forçam o aluno a desistir de seu raciocínio numérico; eles desensinam o valor posicional e obstruem o desenvolvimento do senso numérico, tornam a acriança dependente do arranjo espacial dos dígitos (lápiz e papel) e de outras pessoas”.

Uma das mais importantes consequências de uma aprendizagem fundamentada no uso do

algoritmo é esta última. Quando a criança está frente a uma situação problema, como no mercado, no ônibus, na feira, ela não pode ele recorrer sempre a lápis e papel. Situações imediatas do dia a dia pedem cálculo mental e a criança não pode ser dependente do cálculo escrito. Este é um desafio a ser transposto no trabalho escolar.

2.3 A construção do conhecimento lógico-matemático

Segundo a teoria psicogenética de Piaget, a criança só progride em sua aprendizagem se entrar em conflito e a partir de situações experimentadas ou vividas ela irá construir seu conhecimento. Uma situação-problema passa a ser fundamental neste sentido: permite que o raciocínio seja aguçado e que haja interação da criança com o meio.

Para Piaget, a criança aprende muito através de experiências vividas. O professor deve ser um problematizador, mas deve respeitar as etapas, conhecendo o estágio de desenvolvimento que a criança se encontra, para que ela possa progredir. Ele deve respeitar o erro manifestado pela criança no dia-a-dia e aproveitar essa excelente oportunidade de aprendizagem, devolvendo, por exemplo, outra pergunta ao aluno, fazendo-o observar, comparar, manifestar os modos de como está concebendo aquela realidade. Durante os primeiros meses da infância, segundo Piaget, a criança conhece o mundo mais próximo. Assim divide-se as fases de desenvolvimento da criança em:

Estágio sensório-motor: vai de zero a dois anos, no qual a criança constrói as primeiras formas do conhecimento do tempo, espaço, número e causalidade. É também o reconhecimento das pessoas próximas e dos objetos que a cercam. No início deste período o bebê não compreende quando sua mãe está ausente e normalmente chora, pensando que ela não voltará mais. À medida que vai se desenvolvendo, consegue perceber as ausências como transitórias.

Período pré-operacional: ao entrar neste período, dos dois aos sete anos, a criança traz seus conhecimentos para situações práticas, mas não consegue usá-los de forma lógica. Assim, para uma criança de quatro anos, o mesmo número de objetos espalhados numa área maior representarão para ela, uma maior quantidade. A quantidade é classificada pelo tamanho ou pelo espaço ocupado pelos elementos, ignorando o significado da unidade numérica. Muitas vezes, também não apresenta a reversibilidade de pensamento. Isto pode ser exemplificado, modificando-se a forma de uma massinha de modelar. Se modificar a forma, a criança tende, neste estágio, a dizer que a quantidade mudou.

Período operatório concreto: num estágio mais avançado, a criança vai adquirindo uma forma de pensamento mais operacional. Dos sete aos onze anos ela percebe, por exemplo, que uma mesma cena pode parecer diferente para indivíduos que estão sentados em posições diferentes. Mas, ainda precisa do uso do material concreto para confirmar suas hipóteses intuitivas e exercitar novas formas de pensamento.

Estágio operatório formal ou abstrato: Este período coincide com os anos de escolarização no ensino fundamental. Há um processo de conservação e a presença de uma atividade concreta não é mais necessária. Há uma abstração a partir de operações já internalizadas. Não significa que sejam dispensáveis o uso de materiais e recursos que tornem as aulas mais atrativas, principalmente a realização de pesquisas, experimentos e construções.

De acordo com essa abordagem, o construir e o reconstruir nos primeiros anos do ensino fundamental estão presentes nas atividades da criança, considerando-se o erro como parte da aprendizagem. Deve ser ponderado o fato de que nem todas as crianças estarão no estágio indicado para sua idade, cada aluno tem sua própria caminhada, alguns em ritmo mais lento que os demais. Cabe aqui, levar em conta seus progressos, evitando comparações com os colegas, variando os procedimentos de ensino e oportunizar apoio especializado.

O conhecimento lógico-matemático é baseado em relações que o sujeito descobre a partir de

objetos ou fatos. Para que haja o exercício do desenvolvimento dessas relações entre os objetos, por exemplo, é necessário que a criança tenha confiança em si e experimente as situações nas quais as possibilidades de interação com as pessoas e os figuras do cotidiano sejam as mais ricas possíveis. Segundo Kamii (1999), um dos objetivos inerentes ao trabalho aritmético é o da autoconfiança. “Esperamos que as crianças tenham seu próprio raciocínio e desenvolvam confiança na própria habilidade de raciocinar”. Assim, a criança aprenderá a trocar experiências, habilidades esta que deve ser exercitada durante toda a vida.

Os educandos devem ser convidados a exercitar sua autonomia, um processo contínuo durante sua vida escolar. A dependência seja em qualquer instância: econômica, afetiva ou cultural, não é uma relação sadia a ser levada para a vida adulta. Confiar em si e agir, são habilidades que devem ser trabalhadas com as crianças, pois ajudarão a torná-las autônomas. Há a necessidade de se relacionar em grupos sociais onde todos precisam uns dos outros e, nesse contexto, o exercício da autonomia só tem a beneficiar. As crianças devem ser encorajadas a acreditarem em si, elevando sua auto-estima e acreditando em suas potencialidades.

3 ESTUDO

3.1 Metodologia

Como parte integrante do ensino fundamental, as séries iniciais desempenham importante papel para a construção do saber desde as primeiras etapas até a preparação do educando para aprendizagens subsequentes. Assim, especialmente na área de Matemática, no terceiro ano, desenvolveu-se esse trabalho fundamentado em algumas entrevistas.

Inicialmente foram entrevistados pais e alunos. Ao todo sete pessoas escolhidas aleatoriamente em cada um desses segmentos. Em seguida se procedeu a entrevista com a educadora.

Anterior às entrevistas, na preparação, foi especificado que não seria necessário se identificar, que o trabalho não teria critério avaliativo de nota ou similar e que se tratava de uma pesquisa de estudos para detectar as dificuldades de aprendizagem na disciplina de Matemática. Por supor que os pais estivessem ocupados e sobrecarregados, pensou-se numa entrevista prática, com o mínimo possível de questões, As fichas de entrevistas aos pais foram enviadas através dos alunos, que as trouxeram de volta em sua totalidade. As questões para os alunos, levantadas com base neste estudo foram variadas, mas relacionadas a situações práticas de observação, observação da interação com as questões, reflexões e registro.

Cabe aqui esclarecer, que a pesquisa contou com o aval da direção da escola onde a mesma foi desenvolvida, onde os pais entrevistados autorizaram a divulgação dos resultados das suas entrevistas e de seus filhos, bem como a educadora, como forma de diagnóstico da prática de ensino-aprendizagem em sala de aula

3.2 Entrevistas

Para os pais foram feitas três perguntas, procurando destacar como os mesmos percebem as aprendizagens de seus filhos. Para a professora, com o objetivo de verificar o currículo, a metodologia e o processo ensino-aprendizagem em si, foi questionado através de formulário. Aos alunos, aplicou-se individualmente uma série de exercícios, sem que houvesse a interferência do educador.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 Entrevista com os pais

A maioria dos pais salientou dificuldade em subtração com empréstimo e resolução de problemas. Uma mãe relatou que a dificuldade está em ler e escrever, habilidades que se interligam ao estudo da Matemática e que, portanto, é importante destacar neste trabalho. Relataram que seus filhos esquecem o que foi ensinado, não se esforçam de forma interessada nos temas e alguns preferem assistir TV, brincar e até mesmo dormir.

Conclui-se que as crianças precisam de alguém que acompanhe suas tarefas extraclases. Os pais, apesar de ocupados, percebem as dificuldades de seus filhos, mas ao tentar auxiliar, os filhos dizem que não foi daquela forma que a professora ensinou, sentindo-se mais confusos e desestimulados.

4.2 Análise dos dados oriundos da entrevista com a professora

Em relação aos conteúdos a serem trabalhadas no terceiro ano, a professora listou par ou ímpar, dúzia, dezena, centena, numerais ordinais, antecessores, sucessores, nomenclatura dos numerais, sistema monetário, construção do número, numerais até 999 e adição com reserva, subtração com empréstimo, multiplicação e divisão até o 5. Colocou a importância em se trabalhar com situações-problema do dia a dia.

As dificuldades apresentadas foram resolução de problemas e cálculos em geral, bem como o processo de construção da multiplicação e memorização das tabuadas.

Ao relacionar os possíveis motivos que interferem na aprendizagem, a professora elencou: falta de compreensão por parte do aluno, dificuldades de leitura de palavras, frases, raciocínio lógico não desenvolvido, falta de atenção e concentração e dificuldades em transpor do concreto para o abstrato.

Como ponto de apoio, foi citado: trabalho com materiais concretos, jogos, atividades diversificadas, trabalhar a observação, utilizando gravuras ou experiências, a comparação e a análise, ajuda em casa e reforço individualizado com outro educador.

A professora relatou que se sente sobrecarregada e que está preocupada com a alfabetização devido ao fato de ter em sala alunos que foram aprovados com progressão que não sabem ler. A listagem de conteúdos é muito extensa e concluiu que dificilmente conseguirá cumprir o currículo.

4.3 Análise das entrevistas realizadas com os alunos

Dos exercícios aplicados, os cálculos foram diferenciados de um aluno para outro quanto a: operação escolhida, número de parcelas na adição, limite de numeração atingido. Todos os alunos demonstraram cálculos corretos de adição simples, dois alunos efetuaram adição com reserva, mas de modo incorreto. Percebeu-se que os alunos efetuaram os cálculos nos quais tinham segurança em realizar a operação. Os alunos que apresentaram a resposta incorreta na adição esqueceram de considerar a reserva.

Pode-se concluir que os alunos não internalizaram o processo da adição com a reserva, pois não compreendem que dez unidades formam uma dezena, ou mesmo que saibam disso, não sabem onde colocar esta dezena ou porque devem fazer este agrupamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confrontando a bibliografia estudada com a realidade escolar, percebe-se que é importante

considerar o estágio psicogenético que a criança se encontra e oferecer desafios para que ela avance. A questão de como fazer um trabalho individualizado constitui-se em um desafio, já que normalmente as turmas são numerosas e os estágios psicogenéticos em que as crianças se encontram são variados.

Uma reflexão da prática escolar entre os educadores pode apresentar uma abordagem importante na constatação das dificuldades, na reflexão para a ação consciente. Portanto, a busca de soluções dependerá do local a ser investigado em suas problematizações. Levar em conta as experiências vividas pela criança, nas quais ela espontaneamente classifica, relaciona, calcula, é além de valorizá-la, formar um vínculo entre realidade e escola na construção de um conhecimento realmente importante para ela.

Ainda, a respeito da realidade, constata-se que a criança obtém sucesso na resolução de problemas em sua vida diária e fracassa no desempenho escolar em atividades que seriam matematicamente muito parecidas, mas trabalhadas de forma mecânica e sem vínculo com o educando. Assim, quanto mais próximo da realidade tornar-se o aprendizado para a criança, mais facilidade ela terá para internalizar noções e estabelecer relações.

Um fator essencialmente importante que ajuda a amenizar as dificuldades é o uso do material concreto. Partindo-se do princípio que a criança não chegou ao estágio da abstração, ela precisa ver, tocar, observar, modificar posições, criar situações com os objetos. Ela tem necessidade de observar o fato, acompanhá-lo de perto em suas etapas. Para que a criança construa o conceito de número, por exemplo, é necessário o contato direto com materiais concretos para que ela possa posicionar, agrupar, contar. Sugere-se, neste caso, o Material Dourado, material construído a partir de estudos de Maria Montessori, demonstrando o sistema de numeração decimal, ou outro que se considere adequado, como tampinhas, feijões, etc.

A partir desse estudo, constata-se que a Matemática, uma importante área do conhecimento, é rotulada como algo difícil por pais, professores e alunos. Essa concepção deve ser desmistificada tornando-a atraente. A aprendizagem não acontece para todos os alunos ao mesmo tempo, cada um pode estar num estágio de desenvolvimento psicogenético e dentro de cada estágio, variáveis podem interferir no processo de ensino-aprendizagem. Estudar consome energia, necessita disciplina e por isso não é uma tarefa fácil. Uma forma de mudar este conceito sobre a dificuldade Matemática é respeitar o estágio cognitivo no qual a criança se encontra, assim haverá facilidade de compreensão e interesse por parte do aluno, fortalecendo o vínculo entre escola e realidade,

A família desempenha importante papel observando e orientando a criança em casa. Os pais identificam a falta de interesse dos filhos, mas não sabem como agir. Cabe a escola incentivar os pais para que se estabeleça um horário de estudos e que conscientizem seus filhos sobre a importância de respeitar esse momento. Isto somente acontecerá com a ida destes pais regularmente à escola e conversando com os professores, em busca de auxílio e informações.

Apesar da vontade do professor, percebe-se que muitos se apresentam desmotivados por questões, como os aspectos psicológicos inerentes à tarefa de ensinar, a jornada dupla ou tripla e as questões de não valorização social em relação à profissão. Os professores necessitam de assessorias, criatividade, buscas contínuas de alternativas, pois cada aluno, único em suas particularidades afetivas, sociais, intelectuais, exige posturas diferenciadas.

A partir das constatações aqui relatadas, fica o desafio ao professor: como dar conta de tantas questões em pouco tempo disponível de planejamento? É uma tarefa a ser vencida, na medida em que há preocupação com o verdadeiro papel da educação, que também é o de propiciar a construção da cidadania com competência e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- GUEBERT, Mirian C. **Inclusão: uma realidade em discussão**. 2. ed. Curitiba: IbpeX, 2007. Curso para professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.educar.sc.usp.br>. Acesso em 10 abr 11.
- KAMII, Constance & LIVINGSTON, Sally J. **Desvendando a Aritmética – Implicações da Teoria de Piaget**. Campinas: Papirus, 1999.
- RANGEL, Ana S. **Educação matemática e a construção do número pela criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SILVA, Aline M. da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: IbpeX, 2010.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ZILLOTTO, Gisele S. **Fundamentos psicológicos e biológicos das necessidades especiais**. Curitiba: IBPEX, 2007.